

Home » 1090 (30.11 a 6.12.2015), Cultura

Edusp ganha o Jabuti 2015 em três categorias

Publicado por leticiafuentes@gmail.com - Tuesday, 1 December 2015

Na 57ª edição do Prêmio Jabuti, considerado o mais importante do mercado editorial brasileiro, a Editora da USP chega à marca de 78 estatuetas conquistadas

LEILA KIYOMURA



As estatuetas conquistadas pela Edusp ao longo de sua história, expostas na biblioteca da editora. Foto: Marcos Santos

As 75 estatuetas do Prêmio Jabuti que a Editora da USP (Edusp) recebeu, ao longo de sua história, estão enfileiradas sobre uma mesa de madeira na biblioteca da editora. Um espaço amplo, onde estão reunidos todos os seus 1.300 títulos, ligados a todas as áreas da ciência e das artes. Há textos dos grandes filósofos, recentes teorias científicas, estudos de literatura e trabalhos sobre os mais importantes pintores, gravadores, arquitetos, escritores e compositores.

No dia 19 de novembro, a Câmara Brasileira do Livro (CBL) anunciou a premiação da Edusp em três novas categorias. O Jabuti, símbolo de sabedoria e da valorização da cultura popular, tornou-se, desde 1958, o reconhecimento da CBL

pelo trabalho dos escritores, cientistas, artistas e também dos profissionais do mercado editorial. “Agora temos 78 jabutis”, comemora Plínio Martins Filho, diretor-presidente da Edusp e professor da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP. “Para a Edusp, esse prêmio é muito importante porque é um reconhecimento para a produção de uma editora universitária pública que é referência no Brasil.”

Plínio lembra que, todos os anos, a Edusp está presente entre os ganhadores do prêmio. “A nossa primeira premiação foi em 1997 e ganhamos em sete categorias. Nos anos que se seguiram, continuamos sendo contemplados. O Jabuti é importante porque reconhece não só as obras de ficção, mas o trabalho de todas as áreas do conhecimento, e valoriza também os profissionais do livro, como os ilustradores e designers. Importante destacar que os autores dos livros são professores e pesquisadores da Universidade. O prêmio Jabuti destaca a importância da produção acadêmica.”

Os premiados – Aos 80 anos de idade, Amini Boainain Haury, professora aposentada de Língua Portuguesa da USP, comemora o seu primeiro Jabuti. “Eu me sinto muito honrada e feliz. Esse trabalho é resultado de mais de quatro décadas de pesquisa. É o reconhecimento de uma vida dedicada ao magistério”, conta. Paulista de Ribeirão Preto, a professora foi premiada com o livro Gramática da Língua Portuguesa Padrão, classificado em terceiro lugar na categoria Teoria/Crítica Literária, Dicionários e Gramáticas. O livro, segundo Plínio Martins Filho, é o primeiro de gramática lançado pela Edusp. “Faço questão de destacar que a equipe da Edusp tem uma participação muito grande nessa premiação.”

A pesquisa da professora Amini sistematiza a tradicional teoria gramatical do português acadêmico. “O objetivo é uma reflexão crítica sobre o estado atual da língua portuguesa no que ela tem de sistemático, de gramatical e, principalmente, sobre a importância da norma padrão no livro didático, em sua função sociocultural.”

O Prêmio Jabuti também incentiva a arte de jovens como Carolina Aires Suchecki, que foi classificada em primeiro

lugar na categoria Capa com o livro *Freud e a Narrativa Paranoica – Schreber revisitado*, de Rogério Paes Henriques. “Carolina foi minha aluna na ECA e agora integra a equipe da Edusp. Ela tem talento, criatividade, e fico satisfeito porque esse prêmio é um grande incentivo”, comenta o professor Martins.

A obra de Henriques interpreta o “caso Schreber”, sendo um trabalho que se situa na interseção entre a psicanálise, a crítica literária e a história das ideias. Tanto Carolina como o autor e a Edusp têm o seu trabalho reconhecido e todos recebem o Jabuti.

Na categoria Ciências Humanas foi classificada, em terceiro lugar, a obra *Tortura na Era dos Direitos Humanos*, organizada por Nancy Cardia, coordenadora adjunta do Núcleo de Estudos da Violência (NEV) da USP, e Roberta Astolfi, mestre do Departamento de Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP. “O livro derivou de um seminário internacional organizado pelo NEV, de cuja organização me encarreguei”, explica Nancy Cardia. “Esse seminário, por sua vez, foi baseado na premissa de que o consenso sobre o repúdio total e irrevogável contra a tortura foi profundamente abalado pelos eventos que se seguiram aos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001. A tortura de suspeitos de atos de terrorismo passara a ser admitida e justificada por altos membros da administração Bush. O que representaria para países como o nosso, onde a tortura nunca foi efetivamente erradicada, tal ‘aceitação’ por países que antes a condenavam irrestritamente?”

O seminário, segundo Nancy, teve a participação de estudiosos do tema de diferentes disciplinas: direito, filosofia, ciência política, sociologia e criminologia, além de ativistas de direitos humanos e que trabalham com vítimas de tortura, atraindo um público que lotou o auditório da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da USP. “Após essa repercussão, a publicação de um livro com as contribuições dos diferentes autores pareceu quase uma exigência: uma forma de disseminarmos o debate para um público mais amplo, sobre um tema que não parecia perder a atualidade.”
